

RIO DE JANEIRO

REPRODUÇÃO DO FACEBOOK

Instituto de Segurança Pública (ISP) contabilizou 23 casos de ultraje a culto religioso



ALINE CAVALCANTE
aline.cavalcante@odia.com.br

Casos de intolerância religiosa são comuns no país, mas no Rio têm uma característica que chama a atenção: o envolvimento de traficantes evangélicos em perseguições, principalmente a praticantes de religiões de matriz africana. A situação é tão preocupante que uma CPI está apurando os casos. De acordo com a Comissão Permanente de Combate às Discriminações e à Intolerância da Alerj, 177 denúncias, entre agressões e ameaças, foram feitas em 2019 e 2020.

As denúncias mais recentes são de comunidades Cidade Alta, Vigário Geral, Parada de Lucas, Cinco Bocas e Pica-Pau, na Zona Norte do Rio, onde traficantes formaram o chamado “Complexo de Israel”. Segundo a CPI, traficantes evangélicos que exibem nestas localidades a estrela de Davi e a bandeira de Israel, proíbem os cultos de umbanda e candomblé, fecham terreiros e ameaçam os fiéis. Trata-se de uma característica específica dessa facção, chefiada por Álvaro Malaquias Santa Rosa, conhecido como Peixão.

Crimes de intolerância religiosa chegaram a 26% das ocorrências registradas na delegacia especializada

De acordo com a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi), de 2018 a 2020, crimes de intolerância religiosa chegaram a 26% das ocorrências registradas na especializada, sendo 3% ligadas a questões envolvendo o tráfico.

No ano de 2020, o Instituto de Segurança Pública (ISP) contabilizou 23 casos de ultraje a culto religioso em todo o estado do Rio de Janeiro. O número é um pouco menor que o de 2019, ano pré-pandemia do coronavírus, em que 32 casos foram registrados. No total, as delegacias da Secretaria de Polícia Civil fizeram 1.355 registros de ocorrência de crimes que podem estar relacionados à intolerância religiosa em 2020, ou seja, mais de três casos por dia.

De acordo com a Comissão de Discriminação da Alerj, 176 terreiros fecharam as portas por ação do tráfico até setembro de 2019. Segundo levantamento do Ceplir (Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos, da Alerj), de setembro de 2019 a novembro de 2020, o total de terreiros atacados e expulsos pelo narcotráfico foi de 97 no município de Duque de Caxias, 58 em Campos do Goytacazes, onde dois pais de santo foram assassinados, 12 no município de Nova Iguaçu e 10 em São Gonçalo.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E TRÁFICO: VIOLÊNCIA EM NOME DE DEUS

De acordo com a Comissão Permanente de Combate às Discriminações e à Intolerância da Alerj, 177 denúncias foram feitas nos anos de 2019 e 2020

Terreiro de candomblé atacado por bandidos em Nova Iguaçu



SANDRO VOX

“Vale ressaltar que é um grupo pequeno de pastores, não se trata da realidade da grande maioria dos evangélicos”

CARLOS MINC, deputado

Zona Norte: vítimas ficam com medo

Os números na Zona Norte ainda não foram contabilizados oficialmente, já que o Complexo de Israel é algo recente. O que se sabe é que alguns casos de violência e ameaça aconteceram, mas as vítimas têm muito medo de denunciar. Segundo a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, em 2021 nove casos de intolerância chegaram ao conhecimento dos integrantes.

“A situação está piorando muito. Recebemos, praticamente todos os dias, denúncias de intolerância e prática de violência. A maioria dessas denúncias diz respeito a religiões de matrizes africanas, mas há outras religiões que sofrem com isso também. Nos últimos quatro ou cinco anos, temos visto ações de traficantes, sobre-

tudo do Terceiro Comando Puro, que destroem terreiros e obrigam pais e filhos de santo a deixarem as comunidades”, afirma o presidente da Comissão, o deputado Carlos Minc.

Ele conta que há um grupo de traficantes que se convertem e assumem a dupla função como homens do tráfico e de Cristo. “A intolerância sempre existiu, mas tivemos uma piora quando traficantes saíram da prisão convertidos e se tornavam traficantes fanáticos religiosos e em nome de Cristo praticam esta violência. Não queremos acusar genericamente as religiões, mas quando se junta a intolerância a egressos da prisão convertido e continuam com o fuzil na mão é um problema seríssimo”.

RELIGIOSOS

‘Comunidades com líderes oportunistas’

Para o deputado Átila Nunes, relator da CPI que investiga denúncias de intolerância religiosa, as comunidades mais pobres estão cheias de líderes religiosos, sendo alguns oportunistas, buscando destaque e renda. “Ao cooptar meia dúzia de moradores, alguns desses “pastores” convencem traficantes a se converterem a “serviço” de Jesus, que os protegerá. É a versão neopentecostal do “corpo fechado” que era antigamente praticado, razão pela qual pintam em suas armas dizeres como “Deus é fiel”, o que é uma incongruência religiosa: como o Deus pode ser fiel a quem mata? Os verdadeiros evangélicos e umbandistas jamais se aliarão a criminosos prometendo-lhes uma proteção divina inexistente”.